ruído branco

cláudio trindade

ruído branco

ruído branco

cláudio trindade

ilha de santa catarina
(dois mil e quatro)

um silêncio
quase sem som
devora
-se a
si mesmo

e cai
como a luz
e sua
ambigüidade

como o vento
que erra
e
se
dis
sol
ve . . .

como a tarde
revestida de
escuros e
opostos

como a noite
áspera
que o céu estala
e a
re
vela
e não

a neve

:
:

rumor

de

luz

recém-caída

:

especular

.

(o vento

res

vala

(espessa))

nada

na

manhã

branca

...

escassos

de

azuis

(entre

cortados)

sob

arbustos

répteis

riscam

arames

em

brasa

pássaros

engolem

nuvens

e

vermelhos

/ ventos ao avesso /

: aridez

subtraía
quartzos
de ruído

(
como
iannis
xenakis
)

sílabas
uníssonas
rangiam

, enquanto
isso

, para
timbre e
ínterim

sombras
de
bonsai

entre
um
cochilo
e

outro

gira
ssóis

)
folhas
(

hai
cais

um céu
cinzazul
escuro

vocifera

. pedras
pessoas
água parada
et cetera

. espera

véspera
de palavras

antes mesmo

o
silêncio
co
rroído

, trépido

.
,

outros
sim

, quase
nada

sabre de
signos
quebradiços

talvez
uma onda
esculpida de
estilhaços

talvez

ou

, quem sabe
ainda

, signos
se

(...)
fazem

uma sombra
se espalha

(parede de limo
bicolor : (...))

saturada de
si mesma es

corre entre
fendas e

respira

vulto
de
rruído

—
só uma luz
assombra
, ab
sorve

—
rasteja
carcomida

antes
era um
nome

e

des
fez

-

se

(desígnio).

muito
antes de
querer ser
coisa
, palavra-coisa

:
resíduo

post scriptum¹

:

... chuva seca
chuva imóvel
vento sem direção

. epicentro

quase morto
(ruído branco)

vazio

quasescuro

de umovimento:

(imerso)

na memória

: onde o não

visível cessa

.....

manchas brancas

ondas retorcidas

raízes na areia úmida

. destempo

olhos ausentes

...

eu
finismundo

(antimito)

abandonado
pelos
deuses

(amaldiçoado)

nessa
terra
desolada

(infinitesi
mal)

não poema haroldiano

in ver (so) te bardo
galáxiamês
poligloriente
barrocosmopolírico
gramaticuloso
semânticorrosivo
ilumicamposendo

cigarras
estridentes

para
poucos
ouvidos

para
os mais
exigentes

neblina

dizima

ex

quina

s

prazerosamente

a lesma

r
(
a
b
)
i
s
c
a

ziguezagueia

-
se

vendaval

:

pregadores

e

varal

sou
eus
uns
e/
ous

este
poema
morre
aqui

. morte
nobre
haraquiri

1 - sobre os descritos de s3rgio medeiros, quase esboço
de um poss3vel di3logo: ru3do branco

esta edição conta com 400 exemplares numerados
composição em linotipo e impressão em máquina manual
a cargo da pégaso tipografia ltda. - santo amaro da imperatriz/sc
miolo: papel acácia martelado da ripasá 90g
capa e folha solta: papel 100% reciclado com fibras
de cana-de-açúcar -feito à mão pelo instituto da terra
edição e projeto gráfico do autor
ilha de santa catarina
fevereiro de dois mil e quatro

ouvidolho

na dicção em preto e branco deste livro visual de cláudio trindade constato, à primeira vista, duas, três ou quatro coisas:

1) uma característica nova (não a percebi em seu livro de estréia): o furor imagético, bem inesperado em poeta em geral tão sóbrio e frugal — daí ruídos estridentes em suas páginas, como

“répteis
riscam
arames
em
brasa”;

2) nova também a sonoridade partida, o ruído muitas vezes discreto de coisas (sílabas) sendo cuidadosamente quebradas: como o desbaste de certo galho barroco, digamos, galho deixado quase nu, daí o “resíduo”, porque tudo

“des
fez
-
se”;

3) confirma-se, sobretudo nessa sonoridade partida a que aludi, a herança de tantas dicções espaciais, caras ao poeta: e. e. cummings e os concretos (haroldo de campos, aliás, é o grande homenageado neste livro: como aquele que conciliou (ou não?), à sua maneira, o furor imagético com a espacialidade discreta, quebrada);

4) tudo, sílabas, imagens, tudo quer ser música contemporânea, ouvidolho, indo do rumor ao ruído no espaço amplo (turbina, mar), daí esse movimento breve:

“talvez
uma onda
esculpida de
estilhaços”,
a melhor tradução dessa poética que se sabe
“vulto
de
rruído”,

estes últimos versos os mais expressivos e verdadeiros do autor

sérgio medeiros